

APENAS REFLETINDO...

Maria Lúcia de Souza Rangel RICCI

Não resta dúvida que frente a atual globalização que permeia o mundo contemporâneo, impõe-se cada vez mais a aproximação da sociedade com a tecnologia, apesar das tensões advindas desse processo sobremaneira sentidas na chamada América Latina.

É indiscutível também a função social da tecnologia nos distintos modos de sociedade o que nos leva a perceber o significado da formação das novas gerações rumo ao desenvolvimento do conhecimento, bem assim dos espaços de confrontação de idéias e de sistemáticas investigações para a plena compreensão e aplicação de novas técnicas às abordagens sociais, levando a sociedade a pensar criticamente, a produzir teorias para melhor empreender nos próximos anos e poder, de fato, não ficar ao nível das teorizações, mas sim, com trocas adequadas às diferentes realidades sociais.

Se formos rever as iniciativas políticas havidas no contexto latino-americano (só como exemplificação) nos últimos vinte anos, observaremos que muitas *normas* adotadas não funcionaram por suas implementações ortodoxas, por transferências conceituais, onde a dinâmica das idéias e da produção foram praticamente deixadas de lado, a construção da cidadania deixou de ser crítica para ser forçada, mesmo porque o diálogo, tão importante com a sociedade, não ocorreu da forma como era esperado. Nesse sentido a *promessa de inclusão social* não se concretizou, permitindo antes a marginalização.

A conjuntura de pelo menos dois fatos mundiais - o fim da Guerra Fria e a rápida escalada ao poder dos grandes conglomerados econômicos-ocasionaram profundas transformações ao cotidiano

latino-americano onde as megafusões acabaram por transformar seu dia-a-dia em campos de lutas.

Os indivíduos tornaram-se cada dia mais imediatistas aproveitando *os momentos* e, assim, os valores familiares e de cidadania ficaram relegados a segundo plano. De outro lado, as empresas globais com o compromisso de preservar ambientes e sociedades, quando se dispõem a tal realização, fazem apenas como mérito e não como dever.

O crescimento desordenado das cidades, a violência generalizada, a perda de referências culturais; só para pontuar alguns momentos, significam a perda de qualidade de vida para seus moradores. Está sendo complexo à América Latina conjugar tradição e modernidade e os desenvolvimentos tecnológicos.

Consultando o informe do PNUD sobre desenvolvimento humano neste último ano do século, constatei que houve aumento da distância entre ricos e pobres, mesmo porque os chamados frutos da globalização, da tecnologia, não chegaram a milhões de pessoas.

Há toda uma tentativa de convencimento no sentido de que a democracia é o meio para reduzir e resolver conflitos múltiplos; mas, parece-nos improvável que ela, por si só, pelo menos a curto prazo, possa acalmar o tipo de tensões causadas: e, apenas lembrando, pelas rivalidades étnicas e religiosas e pelas profundas desigualdades sociais. Sobremaneira onde as democracias são frágeis (ou seja, onde os cidadãos não desenvolveram um sentido de responsabilidade) os indivíduos estão sendo levados a se identificar com um grupo social, religioso ou étnico em particular, em oposição a outros, acarretando, com isso, um desenvolvimento democrático distorcido.

Os direitos fundamentais que dão origem à cidadania - processo ainda em desenvolvimento na América Latina - historicamente iniciaram-se com o surgimento dos direitos civis, principiando ao longo do século XVIII sob a forma de direitos de liberdade, direitos esses que visam garantir o espaço do indivíduo frente ao poder do Estado, considerando que o indivíduo não viole os direitos dos outros.

A cidadania, por sua feita, enquanto igualdade básica de participação na sociedade, é viabilizada com a concretização dos direitos e o cumprimento dos deveres, sendo um construído da convivência

coletiva que, basicamente, requer acesso ao espaço público; privilegiando; pois, a efetividade de todos os direitos do indivíduo, grupo e comunidade.

Em decorrência da sociedade latino-americana possuir frágil cultura política decorrente de práticas pouco democráticas (em verdade autoritárias), até hoje o problema é crucial, obstaculizando o resgate de valores históricos básicos para a construção de uma nova cidadania, de uma nova cultura política que venha por fim à ignorância da condição de *massa de manobra*.

Levando em conta que o momento ora vivenciado - a entrada de um novo milênio - e só essa marca já bastaria para uma reflexão de todos nós, parece-nos que o básico é ter sempre em mente que toda a humanidade assistiu, nessas últimas décadas, o surgimento de novas realidades num ritmo tal que ousaria dizer nunca foi experimentado. Tal aceleração, digamos progressista, afetou profundamente as relações sociais, acarretando também novos problemas, fazendo com que os tidos modelos do passado ficassem superados. Por isso, acreditamos necessário um *balanço* das conquistas, dos erros e, principalmente, um sério planejamento de novas ações, uma diretriz para uma *nova sociedade*, a fim de melhor sobreviver na globalização.

Nesse sentido não poderíamos deixar de lembrar, entre tantos outros - Manuel Castells - que nos chama a atenção, particularmente para a megacidade, como sendo o lugar onde a humanidade poderá produzir o melhor e o pior, pois, nela é que a globalização se materializa e, como contrapartida, propiciando também a exclusão das populações que não lhe interessam. Nela surge miséria, injustiça, violência, inovação tecnológica, associada à reestruturação do capitalismo, ao avanço científico, a gestão das empresas. E com isso, *a exclusão social e as novas formas de exploração estão gerando resistências* (até porque onde há opressão há resistência a ela), *em lugar de responder ao global a partir dele*. Daí a importância, quer nos parecer, da ampla mobilização da sociedade civil, politicamente articulada, a fim de propiciar as inúmeras tendências da mudança, onde política social e cultural venham aliviar as duras expressões da pobreza. Como efetivá-las? Através, entre outros caminhos, na produção da informação do conhecimento na agricultura, indústria, tecnologia e na múltipla gama de prestação de serviços, sempre levando em conta a economia informal, que não se constitui em passado

na América Latina, pois, tudo leva a crer, persistirá no futuro. O grande obstáculo é de como o Estado garantirá proteção social a essa economia. Pensamos, então, que uma política flexível, integradora é necessária no momento vivenciado, onde as *ciudades latino americanas pudessem ser pensadas como cultura, como vivência, superando batalhas corporativas e abrindo espíritos*, uma vez que é notória a avalanche urbana metropolitana das áreas latino-americanas onde as organizações são difusas e dispersas. Vamos então nos dispor, unidos, a transpor esses e muitos outros desafios? E, se possível, lembrando o escritor francês - Émile Zola (1837-1902) - quando nos deixou esta feliz mensagem: *As dificuldades são exatamente como as montanhas. Elas só se aplainam quando avançamos sobre elas!*